

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**FRAGMENTOS CONTRA O KAPITAL OU UM POST-SCRIPTUM A
SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

MAURO SÁ REGO COSTA Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ. Coordenador da Oficina Híbridos – Mídia e Arte Contemporânea - do LABORE – Laboratório de Estudos Contemporâneos – UERJ. Coordenador do Laboratório de Rádio UERJ/Baixada. Professor do Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação / FEBF/UERJ. E-mail: maurosarego@gmail.com

O que é uma informação?

Não é nada complicado, todos o sabem: uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgam que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem.

As declarações da polícia são chamadas, a justo título, comunicados. Elas nos comunicam informações, nos dizem aquilo que julgam que somos capazes ou devemos ou temos a obrigação de crer. Não nos pedem para crer, mas para nos comportar como se crêssemos. Isso é a informação, isso é comunicação; à parte essas palavras de ordem e sua transmissão, não existe comunicação. O que equivale a dizer que a informação é exatamente o sistema de controle. Isso é evidente, e nos toca de perto hoje em dia. (...)

Qual a relação entre a obra de arte e a comunicação?

Nenhuma. A obra de arte não é um instrumento de comunicação. A obra de arte não tem nada a ver com a comunicação. A obra de arte não contém, estritamente a mínima informação. Em compensação, existe uma afinidade fundamental entre a obra de arte e o ato de resistência. Isto sim. Ela tem algo a ver com a informação e a comunicação, a título de ato de resistência.

(...) a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste (...) Todo ato de resistência não é uma obra de arte, embora de uma certa maneira ela faça parte



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

dele. Toda obra de arte não é um ato de resistência, e no entanto, de uma certa maneira, ela acaba sendo. //// Gilles Deleuze. "O ato de criação". Folha de São Paulo. Caderno Mais!, 27 de junho de 1999. ps. 5–6.

Os dias passam como vento

Os dias passam como vento, não paro, leio os jornais, tentando mapear... não sinto angústia, tudo está muito claro, catastrófico, parece que já li... já vivi esses momentos. Choro o tempo todo, choro ouvindo um troço antigo no rádio, choro lembrando do que vai acontecer, como são alegres as revoluções! agora estou plano (ou pleno?), não me preocupo em entender (devia?) parece que há um destino e eu o aceito (não é meu) estou vivo à sombra de um avião o grito de um pássaro o telefone toca

Éramos devorados por espécies extintas, fantasmas, carros fedorentos, espíritos enlatados, profecias em estrelas sujas, tias de bigodes, lagartas cinzentas, velhos tanques destruídos, besouros, nhambiquaras. Vários, varíola fígados, fatias vazias vertentes vazantes Vermelhos batidos de barro Eu vou mudar pra cá Ela perto da janela Shampoo anti-resíduos Gatorade agora com 500 ml Derrapa na curva Pincel atômico 1100

Em quadrinhos

Ele (deitado na poltrona como está no desenho original) – --

- Sonho com as estrelas... todas azuis. Mulheres azuis...
- Macias, como de plástico... deitar na piscina... boiar...
- Os pássaros (1) querem foder com elas... elas arrebetam... (ilustra seu pensamento)
- Boiando, flutuando... com os cogumelos... voltei lá. Estou no meio da Amazonia colombiana, no rio que desce desde Putumayo (cena do rio).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- Agora, eles se matam. Era um paraíso de banho quente (no rio) e cogumelos. Agora eles se matam... (helicópteros sobre o rio, atirando nos nativos)

e-mail de Mateus: Periga dançar. Um inferno. São todos informantes pagos dos gringos. Me meti na selva com quinze cogs na mufa. Meu guia mostrou uma mina de platina. Coisa antiga. Da época dos incas ou sei lá o que. Precisava que vc viesse com equipamentos --- não pode dar na vista

- A guerrilha na realidade é uma tropa indígena. O comando é de Saturno. Por isso, é invencível. Mesmo que matem todos. Algumas lições sobre a eternidade. Essa é a guerra final.

(Os pequenos pássaros (2) se aproximam da poltrona em que ele continua refastelado, com o laptop no colo com o mail de Mateus na tela) (Os pássaros falam entre si)

Pássaro 1 – Coisa antiga, ele falou...

Pássaro 2 – Coisa de Saturno, ele pirou...

Pássaro 3 – Você é tão convencional, Maria Lúcia...

Pássaro 4 – Não me chamo maria lúcia, vai se fuder!!

Ele – Puta que pariu, vai começar de nôvo....!!!!

(Surge a mulher azul macia) – Ela: - Eles não são engraçadinhos?!

Ele – Vem cá, deixa eu pegar a tua bunda... ver se você existe...

(A mulher azul puxa uma AK47 da bunda)

(Ele enfia um alfinete nela. Ela explode)

Mateus (na tela) – Você vem ou não vem?

Ele – Cara, eu tô chapado....

(Os helicópteros atacando no fundo, de onde Mateus fala --- uma cabana de palafita, vasada na selva – fogo na selva -)

- E você vai minerar como?, com a porra dessa guerra?



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

- Platina vale mais que a coca. Alquimicamente é a cocaína da prata...

"Ele deseja outra mulher azul macia" - (junto com ela aparece o pássaro 1 e aquele gorila da medalha de olho)

- Eles são da Fraternidade do Olho, de Kublai Kahn (diz o pássaro no ouvido dele)

(Ele tenta empurrar o pássaro pra longe. O gorila sentado num canto com uma Uzi no colo)

(O pássaro, de novo, no ouvido dele) – Você tem que escolher. Agora não há mais morte... A eternidade...

(Ele atira o pássaro em cima do gorila e escapa, foge correndo)

Ele – Eu quero a eternidade... mas, ainda vivo...

(Outro pássaro joga uma arma pra ele, enquanto corre....)

Ele – De onde saiu a porra desses pássaros...

(O gorila vindo no seu encaço)

(Um anjo com uma bola nas mãos) – Não seja idiota. Você sabe perfeitamente...

Ele – Miguel... me proteja... sua presença me enche de alegria...

(Ele escapa. Luz resplandecente... Um caminhão dobrando a esquina)

(Miguel, o anjo, agora faz uma embaixada com a bola, dizendo) – É só você parar de correr... O tempo é ilimitado, você nunca sabe o que vai acontecer, o que vai pintar... não sabe... O tempo é feito de eternidade...

(Mateus, no laptop) – Você não vem?

Rindo os três, ele, Klaus e a madame,

Rindo os três, ele, Klaus e a madame, fazendo uma mesura, agradecem os aplausos. Depois, ela também vem sentar na mesa. Na verdade, é uma judia polonesa de meia-idade, que casou-se com um crioulo, no Alto da Boa Vista, dá aulas de polonês, russo, tcheco e faz traduções em todas essas línguas eslavas quando aparece. Fora isso, viaja pra Praga e



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Varsóvia levando não se sabe que tipo de bagulho. "A vida está difícil" é um lema que eu ouço desde criança, em polonês, ídiche, alemão, russo e português. Com o tempo, a gente aprende a se virar. Mas é claro que eu entendo, vocês são jovens, idealistas, leram Dostoievski... Não era diferente em Varsóvia antes da invasão, e muito pior depois... Para o meu povo, e a gente aprende isso no berço, com as canções de ninar..."

"E mesmo com 5.000 anos na merda, não aprenderam: estão devolvendo pros palestinos..."

"Pra você ver... a capacidade que cabeça de merda tem pra proliferar. Não basta comer kosher, o gosto de sangue é pior que cachaça."

"Não deixa de ter um sentido histórico. É a primeira vez que vocês estão devolvendo... Talvez, seja o momento da virada, perceber o outro lado, se ver de repente do outro lado, no lugar do carrasco, pode ser o primeiro momento..."

"Você está sendo otimista e dialético demais, meu anjo... Não faz dez minutos, te ouvi falar da História feita de acasos e alarmes falsos. Já esqueceu? "

"Estamos chegando perto. Se eu concordar com você, também não tem diálogo, nem ritmo. Teatro é assim, História e Futebol. Eu proponho que a gente dance então..."

"Sem ritmo?"

"Sem ritmo. Você me acompanha. Eu vou cantar a canção de um guerrilheiro moçambicano, dançando com uma puta, num intervalo da guerra:

"Eu, Rosie, eu se falasse, eu dir-te-ia
Que partout, everywhere, em toda parte
A vida égale, idêntica, the same
É sempre um jogo inútil,
Um vôo cego a nada.
Mas dancemos, dancemos
Já que temos



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A valsa começada,
E o Nada
Deve acabar-se também
Como todas as coisas
Tu pensas nas vantagens imensas
De um par
Que paga sem falar
Eu, nauseado e grogue,
Eu penso, vê lá bem,
Em Arles, e na orelha de Van Gogh...
E assim entre o que eu penso e o que tu sentes
A ponte que nos une - é estar ausentes".

"Morreu de tuberculose, esse puto..."

(Reinaldo Ferreira, poeta português viveu a maior parte da vida em Moçambique, trabalhando para a administração portuguesa. Morreu com 37 anos. Nesse poema, coloca-se no personagem do guerrilheiro moçambicano de folga. A música é de Fausto e A. P. Braga.)

Klauss achou que eles exageravam e mostrou sua dança sentado... como uma perna dançava com a outra, num diálogo extraordinário, que não se consegue descrever. Madame, dona Olga, fez então a dança dela, com as duas mãos e depois a dança dos cinco dedos da mão direita, cada dedo se movendo independente do outro. Foi aplaudida com os pés.

Acabou o intervalo.

A neve desaparece do topo do Kilimanjaro

A neve desaparece do topo do Kilimanjaro, depois de 11.000 anos. A temperatura da Terra sobe de 3 a 5 graus até o fim do século. Não sei como meus filhos vão viver, o



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

trabalho é raro. Meu próprio trabalho, cada vez mais chato e me paga o mesmo há três anos, embora o cinema esteja mais caro, o whiskey, os restaurantes, os hotéis, a gasolina, a eletricidade, o telefone.

Quase me separei de minha mulher até que percebi que todos os meus vãos eram vontade fantasiosa de uma outra vida. Como se uma outra mulher resolvesse as neves do Kilimanjaro, o meu trabalho e salário, as dificuldades dos meninos. Andei pensando em me matar, também. Outra solução fantasiosa que virou moda e vende muito médico e remédio.

Que fazer? - como gostava de perguntar o camarada Lenine. Chego à conclusão que não havendo realmente solução, há que manter, ao menos, uma alta energia, e isso depende das resistências, do ponto de vista elétrico: por onde, como, e em que escala deixar passar a energia. Não vou lá onde não me interessa, não estou para o que me perturbar e invento, crio, junto-me aos que me interessam, formo equipes até pra não fazer porra nenhuma. Com as pessoas certas.

Será que você me entendeu? Acredito que não. Na verdade, a coisa é muito maior. A neve desapareceu do topo do Kilimanjaro, depois de 11.000 anos. Mas agora estou com sono, Ela deve me ligar pra vermos um filme que não me interessa e eu cansei de tentar explicar. Assim são os humanos: seres frágeis e de vontade flutuante.

Recebido em 15/06/2011

Aceito em 30/06/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br